

1

Como Situar o Panda?*

Muitos animais, incluindo Jesse James, Alexandre, o Grande e o panda gigante, devem, à maneira de Jano, mostrar ao mundo duas faces — a que a lenda exige e a que a natureza lhes deu. As faces hortativas são, por conseguinte, honestas (no mais amplo sentido da palavra), virtuosas e amáveis; os rostos naturais tendem para a ladroagem, a rapacidade e o tédio.

George B. Schaller e os seus colegas, no melhor estudo até hoje realizado sobre o segundo panda, escrevem na sua introdução:

«Há dois pandas gigantes, o que existe no nosso espírito e o que vive na sua floresta natal. Macio, felpudo, e com uma estranha pelagem preta e branca, de cabeça redonda e corpo desajeitado e rechonchudo, o panda parece uma coisa para se brincar e abraçar. Nenhum outro animal conseguiu entusiasmar tanto o público... O panda verdadeiro, porém, o panda tal como vive em liberdade, permaneceu, no essencial, um mistério.»

The Giant Pandas of Wolong [«Os Pandas Gigantes de Wolong»], uma tentativa para atenuar o mistério que rodeia o panda número dois,

* Recensão do livro *The Giant Pandas of Wolong* [«Os Pandas Gigantes de Wolong»], de George B. Schaller, Hu Jinchu, Pan Wenshi e Zhu Jing.

constitui ainda um testemunho extraordinário de outro fenómeno, muitas vezes mais lendário do que real — a cooperação internacional no campo da ciência. Só subsistem na natureza cerca de mil pandas, todos eles em seis pequenas zonas de floresta de bambus (29 500 km²) ao longo da orla oriental do planalto tibetano — se bem que os registos históricos apontem para uma anterior distribuição até mil quilómetros mais a leste, chegando quase à costa do Pacífico.

A Reserva Natural de Wolong, o maior santuário de pandas da China, alberga entre 130 e 150 animais. Cientistas chineses iniciaram em 1978 um estudo aprofundado dos pandas de Wolong. George B. Schaller, da organização Wildlife Conservation International, chegou em Dezembro de 1980 para trabalhar com uma equipa chinesa chefiada por Hu Jinchu, da Escola Normal de Nanchong. *The Giant Pandas of Wolong* resume os resultados do trabalho conjunto, que prossegue ainda hoje.

Uma vez que este livro é acerca do segundo panda, só raramente consegue deleitar e encantar. *The Giant Pandas of Wolong* é um tratado técnico, e não um contributo para o género bem diverso dos livros populares que descrevem o convívio íntimo de um naturalista com uma espécie interessante no seu meio natural (género em que aliás se incluem várias obras de Schaller, entre as quais se destaca o seu *Year of the Gorilla* [«Ano do Gorila»]). Adivinhamos o que nos espera quando lemos, na terceira página (estou pronto a traduzir se mo solicitarem) que «as arcadas zigomáticas são amplas, e a crista sagital proeminente... Uma dentição tipicamente carnívora ($I_3^3 C_1^1 P_4^4 M_3^2 = 42$, mas P_1 pode não estar presente) sofreu profundas modificações tendo em vista a tarefa de esmagar e moer os alimentos». E a implacável voz passiva da prosa científica convencional não oferece qualquer encanto ou graça de composição, especialmente em frases como «pruridos visíveis são coçados com a pata dianteira ou traseira».

Os pandas são animais raros e esquivos, mesmo na abundância relativa da sua reserva de Wolong. Não nos atrevemos a identificá-

-los com os engraçados bonecos de pelúcia dos nossos filhos; de facto, temos de fazer um grande esforço para os vermos sequer. Entre Março de 1978 e Dezembro de 1980, Schaller e companhia só dezasseis vezes viram pandas; a equipa alargada registou trinta e nove observações adicionais entre Janeiro de 1980 e Maio de 1981. Os autores escrevem: «A maior parte dos contactos foi muito breve — entrevemos fugazmente o animal enquanto este atravessava uma clareira ou subia um trilho.»

Os investigadores viram-se, portanto, obrigados a recorrer a métodos indirectos, basicamente dois neste caso — um já antigo, outro recente. Para nossa sorte, os pandas defecam em quantidades prodigiosas, e com tamanha regularidade que o número de excrementos serve de relógio para medir o tempo passado num determinado lugar. Quer-me parecer que o panda número um (o da lenda) fica irremediavelmente destronado quando descobrimos serem esses cilindros castanhos, e não os corpos peludos, a principal fonte de informação directa para este estudo.

Schaller e a sua equipa capturaram em seguida seis pandas e equiparam-nos com coleiras equipadas com radar. Estes dispositivos sofisticados transmitem sinais diferentes durante os períodos de actividade e de repouso dos pandas. Os dados daí resultantes, quanto ao território geográfico e aos equilíbrios energéticos, indicam que os pandas vivem em áreas relativamente pequenas e bem definidas, com cerca de 4,5 km², em média, para as fêmeas e 6,1 km² para os machos, tendendo as fêmeas a concentrar a sua actividade numa zona central mais restrita do território, enquanto os machos se movem numa área mais ampla.

Durante a maior parte do dia (quase todo o dia, para dizer a verdade) os pandas não fazem nada que seja susceptível de despertar um interesse continuado da parte dos seres humanos. Fundamentalmente, comem bambu durante os períodos de actividade (cerca de 60 por cento do dia) e descansam durante os restantes 40 por cento — ao mesmo tempo que despejam pela porta das traseiras grande parte do produto não digerido da sua labuta. Outras actividades —

como por exemplo as deslocações, a deposição de marcas odoríferas e a limpeza — não ocupam mais de um a dois por cento de um dia normal. Na época do acasalamento, é claro, acontecem mais coisas; o jogo entre todos darwiniano da transmissão da herança genética às gerações futuras raramente decorre sem interesse, energia e (na maioria dos animais que nos são aparentados) alguma luta.

No meio desta monotonia centrada nos bambus, qualquer surto de actividade é de molde a entusiasmar-nos. Lemos, assim, com prazer a descrição do panda que se apoiou nas patas anteriores e arqueou os quartos traseiros contra o tronco de uma árvore para o marcar com o seu cheiro. E quase gritamos de alegria ao saber que um subadulto deslizou por uma encosta abaixo (deitado de bruços) quando poderia ter caminhado pela neve — e que, *mirabile dictu*, subiu outra vez o monte para tornar a fazer o mesmo.

E no entanto, em certo sentido, agrada-me que pelos critérios humanos a vida dos pandas seja tão maçadora, pois os nossos esforços de conservação das espécies têm muito pouco valor se só preservarmos as criaturas como ornamentos humanos; ficarei francamente impressionado, isso sim, quando mostrarmos solicitude para com sapos cobertos de verrugas e vermes viscosos. Se continuarmos a prezar o panda mesmo depois de sabermos que ele não corresponderá, em termos de deleite humano, ao calor e ao carácter brincalhão que inicialmente inferimos da sua aparência, estaremos a avançar no sentido de um respeito autêntico pela natureza. (Se conseguirmos, em seguida, admirar os pandas por aquilo que são, e até aprender com eles algumas das lições que a diversidade da natureza sempre tem a dar, entenderemos enfim, e com grande vantagem para nós, quer em termos espirituais quer em termos práticos, aquilo a que Huxley chamava, na linguagem do seu tempo, «o lugar do homem na natureza».)

Para mais, é a própria monotonia do comportamento dos pandas como máquinas comedoras de bambu que define o grande interesse da espécie para a teoria da evolução; a forma como Schaller aborda

este tema fulcral é também o meu único motivo importante de desagrado no seu excelente livro. Por herança evolutiva, os pandas são membros da ordem dos carnívoros — mas traem o seu nome ao alimentar-se quase exclusivamente de bambus. Os seus antepassados comeram outrora carne, mas trocaram-na pelo bambu. Por força de uma herança tão contrária à sua vida actual, os pandas têm de fazer um enorme esforço para processarem uma quantidade suficiente de comida. O seu aparelho digestivo não se adapta bem ao regime herbívoro. Schaller *et al.* especificam os três principais motivos que explicam esta dificuldade:

1. Os pandas não conseguem digerir eficazmente as folhas e os caules de bambu. «O panda», escrevem os autores do livro, «conservou o tubo digestivo simples dos carnívoros: falta-lhe uma bolsa especial onde guardar os alimentos, e não tem microrganismos simbióticos que fermentem a celulose, decompondo-a em nutrientes utilizáveis.»

2. Os pandas vêm-se, pois, obrigados a extrair os nutrientes do conteúdo celular facilmente digerível e não das paredes celulares, de valor alimentar muito superior. (Se os pandas defecam em quantidades tão prodigiosas, é porque não conseguem digerir a maior parte daquilo que consomem.)

3. As folhas e os caules compõem-se principalmente de água e hidratos de carbono estruturais; por conseguinte, os pandas obtêm ganhos nutritivos muito baixos para a quantidade de alimentos ingeridos.

Os cálculos de Schaller mostram que os pandas vivem no limite mínimo da subsistência. Comem bambu de manhã à noite porque precisam de consagrar à tarefa todas as horas de vigília para obterem um activo satisfatório, tendo em vista a baixíssima taxa de remuneração do seu investimento. Esta economia marginal assume uma faceta cómica quando atentamos nos esforços de Schaller para determinar o número de horas que um panda precisa de passar a